



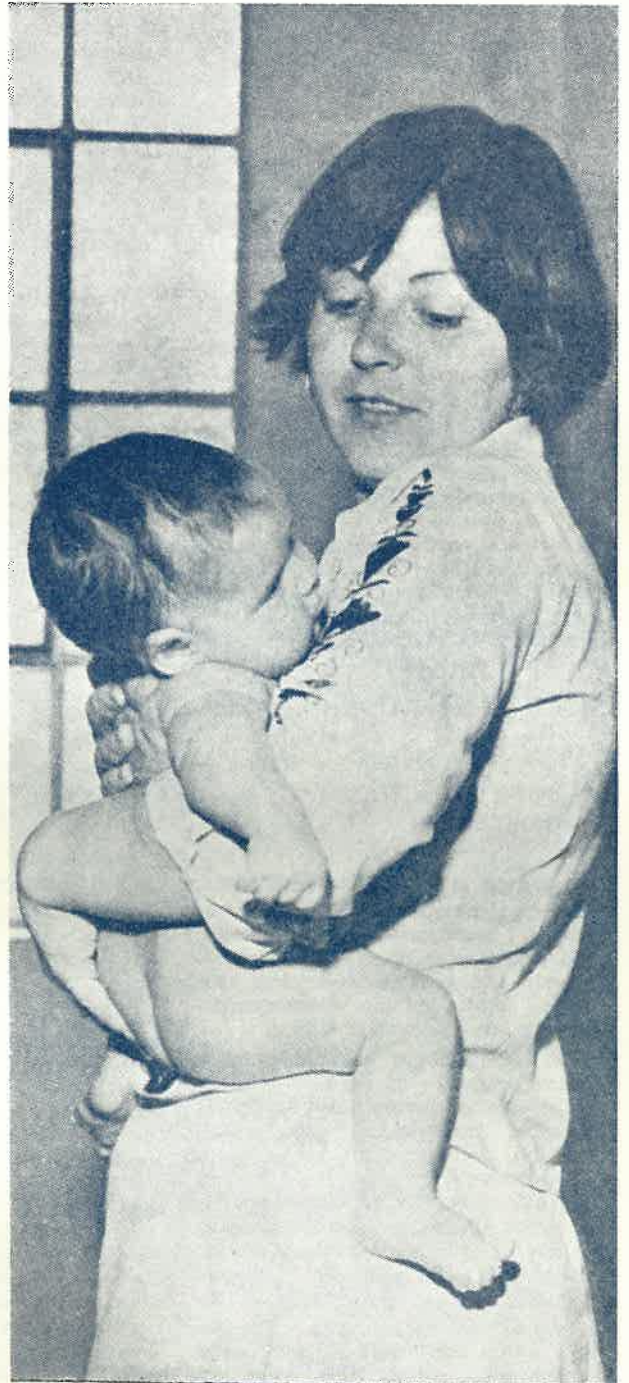
revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Mãe

Mãe milenária
que vens do fundo dos séculos,
que assistes ao criar dos mundos.
Mãe que estás presente
em todas as batalhas perdidas.
Mãe de todas as sortes,
mãe que vives mil vidas
e que morres mil mortes.
Do fundo da minha angústia
e da minha solidão,
eu te saúdo, mãe.
Mais do que ninguém é tua
a maior heroicidade,
aquela que vem do silêncio
de mil renúncias diárias,
a que vem do frio da saudade,
da saudade que é tua, mãe,
tua como de ninguém.
Saudade do filho que cresceu
para a vida ou para a morte.
Mãe, mãe, tu és a vida
que nem a morte invalida,
única doçura dos grandes desgraçados,
porto de abrigo dos grandes vendavais.
Ai dos que chamarem por ti
quando não voltares mais...

Edith Alvelos



"estai vós apercebidos"

A BÍBLIA PROIBIDA EM MAIS PAÍSES

LONDRES — Um relatório divulgado pelas Sociedades Bíblicas Unidas (S. B.U.) indica que a distribuição das Escrituras tem sido proibida num número crescente de países. John Dean, administrador mundial das S.B.U., disse: «Parece haver agora mais lugares fechados para a Palavra de Deus do que em qualquer outra altura desde a Segunda Guerra Mundial».

A União Soviética autorizou a impressão de algumas Escrituras, mas as quantidades nunca são suficientes. Desde a Segunda Guerra Mundial não se tem feito nenhum trabalho com a Bíblia na Albânia. Desde 1945, na Bulgária, só foram autorizadas algumas Escrituras, mas está a ser acabada uma nova tradução búlgara e as S.B.U. esperam que a sua oferta para o financiamento da produção da Bíblia venha a ser aceita pelo governo.

A distribuição de Bíblias é proibida na Líbia, Maurítânia, Arábia Saudita, ou nas duas repúblicas do Iémen, mas o trabalho de distribuição da Escritura tem aumentado noutros países produtores de petróleo. O Vietname foi fechado para novos exemplares da Bíblia desde o fim da guerra em 1975, mas as S.B.U. esperam que o trabalho possa ser ali restabelecido. O relatório faz notar que as regiões «substancialmente fechadas ao Evangelho» continuam a incluir o Afeganistão, o Tibet, a China e a Mongólia. — R. & H.

UM PAPA PARA TODOS OS CRISTÃOS?

PARAMUS, E. U. A. — Sete teólogos protestantes, ortodoxos e católico-romanos, escrevendo num livro publicado pela Paulist Press, nesta cidade, encaram a possibilidade de uma reunião de Igrejas cristãs, reconhecendo o papa como principal dirigente.

Dos oito teólogos que escrevem a matéria do livro «Um Papa para Todos os Cristãos?», apenas um — o Dr. C. Brownlow Hastings, director assistente do Departamento do Testemunho Interconfessional do Conselho da Missão Interior Baptista do Sul — disse peremptoriamente que a sua tradição não poderia aceitar uma reunião à volta de um papa ou qualquer autoridade centralizada.

O livro, que se crê ser o primeiro onde representantes de mais de duas denominações cristãs dão uma opinião sobre a autoridade papal, foi compilado e editado por um leigo católico, Peter J. McCord, antigo semi-

narista jesuíta residente em Greenville.

Os seis autores não-católicos que crêem que as suas respectivas igrejas poderiam aceitar o papado com algumas modificações — um papa que pusesse em evidência «qualidades de servo» e de serviço — são: o Rev. Joseph Burgess, do Seminário Teológico Luterano, de Gettysburg; o Rev. J. Ross Mackenzie, um presbiteriano, professor do Union Theological Seminary, de Richmond; o Padre John Meyendorff, sacerdote ortodoxo, professor do Seminário de S. Vladimir, Crestwood; o Rev. J. Robert Nelson, metodista, professor na Escola de Teologia da Universidade de Boston; e o Padre J. Robert Wright, sacerdote episcopal, professor no Seminário Geral, de Nova Iorque.

O autor católico é o Padre Avery Dulles, da Universidade Católica da América, em Washington.

A introdução do livro foi escrita por um presbiteriano, o Dr. Robert McAfee Brown, professor de teologia na Universidade de Stanford, Palo Alto, Califórnia. — Ministry.

DIACONATO DE MULHERES NOS PRIMEIROS SEIS SÉCULOS

WASHINGTON — Um novo estudo católico romano sobre a actividade ministerial de mulheres na igreja primitiva revela que, durante os primeiros 600 anos do Cristianismo, consagravam-se mulheres ao diaconato, mas não ao sacerdócio. Elas exerciam ministérios catequéticos, litúrgicos, proféticos, ou administrativos. — R. & H.

LEI DOMINICAL DERRUBADA NUM TRIBUNAL AMERICANO

NEW BRITAIN, E. U. A. — Um juiz do tribunal comum derrubou um decreto-lei dominical que havia sido redigido em 1976 pela Assembleia Geral de Connecticut. O decreto «não satisfaz os requisitos mínimos de um procedimento regular», e é «extremamente falho na exactidão necessária aos estatutos criminais», disse o juiz Alvin G. Rottman. Como resultado do parecer do juiz Rottman, os autores foram aconselhados a deixar de forçar as leis do Estado no sentido de regulamentar as vendas ao domingo, procedimento já anteriormente declarado inconstitucional pelo mesmo tribunal. Por exemplo, apontou ele, segundo o estatuto em causa, seria ilegal vender a revista **Playboy** no domingo, mas poder-se-ia vender literatura clássica sob a forma de livros. — R. & H.

SUMÁRIO

Mãe

«Estai Vós Apercebidos»

Página Editorial — Cristãos — Ou Tudo ou Nada!

A Justiça Social no Israel Antigo

Rainhas-mães e Mães Rainhas

Porque Permite Deus o Mal?

Se Somos Salvos pela Graça, Porque Guardar a Lei?

As Avenidas da Mente

História do Mês — «Querida Amiga Secreta...»

Notícias do Campo

Caixa de Perguntas

Breves Notícias do Mundo Adventista

revista
adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

MAIO DE 1977

ANO XXXVIII

N.º 368

Director: ANTÓNIO SIMÕES
LOPES BAIÃO

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e Impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual: 60\$00
Número avulso 6\$00
Estrangeiro 130\$00

CRISTÃOS – OU TUDO OU NADA!

Numa linguagem simbólica, tantas vezes característica dos discursos de Jesus, Ele disse um dia: «...a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água...» A água a que Jesus se referia representava o Evangelho, a mensagem da Cruz, as boas novas da salvação — a religião cristã. É esta religião que uma vez provada deverá transformar o participante num elemento que sacie outros. A água da vida torna o verdadeiro crente numa fonte; O Pão da vida, que satisfaz um dia a nossa alma, deverá fazer de cada cristão um celeiro onde os que «têm fome e sede» se satisfaçam.

Se eu, chamando-me cristão, nada tenho para dar aos que perecem, «para mais nada presto senão para ser lançado fora».

Nunca tantos necessitaram tanto duma experiência redentora. Contudo, paradoxalmente, a humanidade está «lançando fora», rejeitando, aqueles que se dizem conhecedores do caminho dessa experiência. Talvez que uma análise do problema revele que tal atitude não é assim tão surpreendente!

Proporcionalmente à população mundial, o número dos chamados cristãos

é mais do que suficiente para poderem ser «o sal da terra». Reduzamos a massa ao mundo ocidental, onde predomina a religião cristã, e teremos um concentrado ... infelizmente insípido. Poderíamos continuar a reduzir esta zona de influência até ao círculo a que cada um de nós, individualmente, pertence. Que valor tem para os outros a nossa experiência cristã? Que efeitos tem tal experiência sobre nós mesmos?

Cristo é a solução para os problemas da Humanidade; Cristo é a resposta a todo o anseio do coração humano; Cristo é o Amigo sem igual. Palavras belas, cheias de sentimento, mas vazias e inúteis até que possamos dizer sinceramente: «Cristo é tudo para mim».

Uma vida transformada para o bem influenciará inevitavelmente outras vidas; muitas vidas transformadas transformarão o mundo. Muitos ou poucos, nós, crentes cristãos adventistas, somos em número suficiente para justificar a pergunta: «Porque morre o mundo à míngua?»

João Belo dos Santos

A JUSTIÇA SOCIAL NO ISRAEL ANTIGO

O povo hebreu, durante muitos anos, seguiu a lei que Deus lhe havia dado. Depois, para imitar os povos circunvizinhos, pediu um rei.

Michele Buonfiglio

ISRAEL, como todos os outros povos da antiguidade, não foi isento do mal da injustiça social.

Porém existe na Bíblia uma denúncia clara e definida dessa situação de injustiça, acompanhada com a nostálgica recordação de um tempo em que as estruturas sociais permitiam que se verificassem relações mais justas entre os membros da comunidade. A comunidade nômada dos israelitas era composta de «irmãos». Todos reconheciam a sua unidade num único pai. Foi esse o tempo em que Israel vivia na presença de Deus, de Jeová; o tempo em que entre as tribos nômadas existia uma maior justiça na distribuição dos bens.

Também a ordem estabelecida em Israel, quando foi liberto do Egípto e introduzido por Deus no país de Canaã, era uma ordem justa do ponto de vista social. Essa justiça social nasceu da convicção de que o bem da terra e também o da liberdade eram dons de Jeová, um sinal da sua graça, da salvação por Ele operada e destinada a todo o povo, sem que ninguém devesse ser excluído.

A terra é de Jeová. Foi Ele que a deu a Israel e dele será para sempre. Deus é o único e verdadeiro proprietário de todas as terras.

É dele que os filhos de Israel recebem a «posse» das terras. Eles administram-nas, mas devem respeitar os limites e os fins que Deus estabelece para essa posse.

É o próprio Jeová que estabelece os critérios que se devem seguir na divisão da terra. «E tomareis a terra em possessão, e nela habitareis, porquanto vos tenho dado esta terra, para possuí-la. E por sortes herdareis a terra, segundo as vossas famílias; aos muitos, a herança multiplicareis, e aos poucos, a he-

rança diminuireis: onde a sorte sair a alguém, ali a terá: segundo as tribos dos vossos pais tomareis as heranças» (Números 33:53, 54).

De resto, Israel já estava habituado a esse gênero de formas de justiça. Os filhos de Israel tinham vivido durante muitos anos no deserto e tinham-se alimentado do maná.

Durante todo aquele tempo, Deus não tinha consentido nenhuma forma de açambarcamento. «Esta é a palavra que o Senhor tem mandado: Colhei dele, cada um, conforme ao que pode comer, um gomer por cada cabeça, segundo o número das vossas almas; cada um tomará para os que se acharem na sua tenda. E os filhos de Israel fizeram assim; e colheram, uns mais e outros menos. Porém, medindo-o com o gomer, não sobejava ao que colhera muito, nem faltava ao que colhera pouco: cada um colheu tanto quanto podia colher. E disse-lhes Moisés: Ninguém dele deixe para amanhã. Eles, porém, não deram ouvidos a Moisés, antes, alguns deles deixaram dele para o dia seguinte; e aquele criou bichos, e cheirava mal; por isso, indignou-se Moisés contra eles» (Êxodo 16:16-20).

Limites estabelecidos à posse das terras

Deus estabeleceu ainda limites à posse das terras:

A. O direito de resgate

«Também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha; pois vós sois estrangeiros e peregrinos comigo. Portanto, em toda a terra da vossa possessão, dareis resgate à terra. Quando teu

irmão empobrecer e vender alguma porção da sua possessão, então virá o seu resgatador, seu parente, e resgatará o que vendeu seu irmão. E se alguém não tiver resgatador, porém a sua mão alcançar e achar o que basta para o seu resgate, então contará os anos desde a sua venda, e o que ficar restituirá ao homem a quem o vendeu, e tornará à sua possessão. Mas, se a sua mão não alcançar o que basta para restituir-lha, então, a que for vendida ficará na mão do comprador, até ao ano do jubileu; porém, no ano do jubileu, sairá, e ele tornará à sua possessão» (Levítico 25:23-28).

B. Ano sabático

«Ao fim dos sete anos farás remissão. Este, pois, é o modo da remissão: que todo o credor, que emprestou ao seu próximo uma coisa, o quite: não a exigirá do seu próximo ou do seu irmão, pois a remissão do Senhor é apregoada. Do estranho a exigirás; mas o que tiveres em poder do teu irmão a tua mão o quitará: Somente para que entre ti não haja pobre; pois o Senhor abundantemente te abençoará na terra que o Senhor, teu Deus, te dará por herança, para possuí-la» (Deuteronómio 15:1-4).

C. Ano do jubileu

«E santificareis o ano quinquagésimo, e apregoareis liberdade na terra a todos os seus moradores; ano de jubileu vos será, e tornareis, cada um, à sua possessão, e tornareis, cada um, à sua família... Neste ano do jubileu tornareis, cada um, à sua possessão» (Levítico 25:10, 13).

D. Proibição de pedir juros sobre dinheiro emprestado

Toda a legislação é feita de modo que não haja «necessitados», pobres. Porém, no caso de alguém empobrecer, a comunidade devia ajudá-lo, emprestando-lhe dinheiro sem exigir juros. «E, quando o teu irmão empobrecer, e as suas forças decaírem, então sustentá-lo-ás, como estrangeiro e peregrino, para que viva contigo. Não tomarás dele usura nem ganho; mas do teu Deus terás temor, para que o teu irmão viva contigo. Não lhe darás o teu dinheiro com usura, nem darás o teu manjar por interesse. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei da terra do Egípto, para vos dar a terra de Canaã, para ser o vosso Deus» (Levítico 25:35-38).

Motivações de ordem teológica

Note-se que todas as prescrições respeitando à justiça social são acompanhadas com motivações de ordem teológica.

O ano sabático e o ano do jubileu são ocasiões de recordar que Jeová libertou o povo de Israel do Egípto e que deu a terra ao povo como um dom, e que, portanto, todos têm direito a participar desse bem que é um sinal da sua graça.

O dom da liberdade

Além do dom da terra, os israelitas tinham recebido de Deus um outro dom, o da liberdade: eles foram libertados da escravidão do Egípto.

Um israelita, portanto, não pode reduzir à escravidão um irmão seu caído em miséria, mas este pode servi-lo durante o período de seis anos: no sétimo ano será de novo livre e no ano do jubileu voltará à posse da sua terra. «Quando o teu irmão hebreu ou irmã hebreia se vender a ti, seis anos te servirá, mas no sétimo ano o despedirás forro de ti. E, quando o despedires de ti forro, não o despedirás vazio. Liberalmente o fornecerás do teu rebanho, e da tua eira, e do teu lagar; daquilo com que o Senhor, teu Deus, te tiver abençoado, lhe

darás. E lembrar-te-ás de que foste servo na terra do Egípto, e de que o Senhor, teu Deus, te resgatou; pelo que te ordeno hoje esta coisa» (Deuterónimo 15:12-15; ver também Levítico 25:39-43).

Protecção aos assalariados, às viúvas e órfãos, e aos estrangeiros

Uma protecção particular é então garantida aos estrangeiros, às viúvas e aos órfãos. «Não oprimirás o jornaleiro pobre e necessitado dos teus irmãos, ou dos teus estrangeiros, que estão na tua terra e nas tuas portas. No seu dia lhe darás o seu jornal, e o sol se não porá sobre isso: porquanto pobre é, e sua alma se atém a isso: para que não clame contra ti ao Senhor, e haja em ti pecado... Não perverterás o direito do estrangeiro e do órfão; nem tomarás em penhor a roupa da viúva. Mas lembrar-te-ás de que foste servo, no Egípto, e de que o Senhor te livrou dali: pelo que te ordeno que faças isto. Quando no teu campo segares a tua sega, e esqueceres uma gavala no campo, não tornarás a tomá-la; para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva será; para que o Senhor, teu Deus, te abençoe, em toda a obra das tuas mãos» (Deuterónimo 24:14, 15; 17-19).

«E quando o estrangeiro peregrinar contigo na vossa terra, não o oprimireis. Como um natural entre vós será o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-ás como a ti mesmo, pois estrangeiros fostes na terra do Egípto: Eu sou o Senhor, vosso Deus» (Levítico 19:33, 34).

Nascimento da monarquia em Israel

Não se pode dizer que esta situação ideal prevista na legislação mosaica se tenha sempre traduzido fielmente na prática no seio do povo de Israel. Na sua história vê-se, com efeito, emergir a injustiça à medida em que o povo se esquece que o seu único Senhor é Jeová e procura adoptar uma forma política semelhante à dos outros povos circunvizinhos. O nascimen-

to da monarquia assinalará o início de uma nova situação social.

R. de Vaux disse: «Nos tempos primitivos, todos os israelitas desfrutavam, mais ou menos, a mesma condição social. A riqueza provinha da terra, a qual era dividida entre as famílias que defendiam ciosamente o seu património. As escavações arqueológicas das cidades israelitas demonstram uma igualdade de condições (entre as várias famílias). Em Tirsá, a actual Tell el-far'ah, próximo de Napsula, as casas do século X a. C. têm todas as mesmas dimensões e a mesma instalação; cada uma delas representa a morada de uma família, que tinha o mesmo nível de vida dos seus vizinhos.

«É, ao contrário, notável o contraste quando se passa ao nível do século VIII no mesmo local; o bairro das casas ricas, maiores e mais bem construídas, é separado do bairro onde se encontram amontoadas as casas dos pobres.

«Na realidade produzira-se, nesses dois séculos, uma revolução social. As instituições monárquicas tinham feito surgir uma classe de funcionários que tiravam proveito da sua administração e dos favores que o rei lhes conferia. Outros, por sorte ou por habilidade, tinham conseguido grandes lucros por intermédio das suas terras.»

O que levou o povo de Israel a pedir a monarquia foi o mau comportamento, primeiro, dos filhos de Eli, depois, dos de Samuel.

E. G. White afirma: «Eli era um pai transigente. Amando a paz e a tranquilidade, não exercia a sua autoridade para corrigir os maus hábitos e paixões de seus filhos. Em vez de contender com eles ou castigá-los, submetia-se à sua vontade e os deixava seguir o seu próprio caminho.» (**Patriarcas e Profetas**, pág. 615).

Os filhos de Eli pereceram tragicamente e Samuel tornou-se juiz de Israel. Samuel governou com sabedoria e diligência.

Mais uma vez E. G. White diz: «Mas, com o avançar dos anos, o profeta foi obrigado a repartir com outros os cuidados do governo, e ele designou os seus dois filhos para agirem como seus auxiliares... mas eles não se mostraram

dignos da escolha do seu pai. Havia o Senhor, por meio de Moisés, dado instruções especiais ao seu povo, a fim de que os príncipes de Israel julgassem rectamente, tratassem com justiça da viúva e do órfão, e não recebessem peitas. Mas os filhos de Samuel 'se inclinaram à avareza, e tomaram presentes, e perverteram o juízo...'

«...A advertência feita a Eli não exercera sobre a mente de Samuel a influência que deveria ter exercido. Ele (Samuel) fora até certo ponto demasiado condescendente com os seus filhos, e o resultado foi visível no carácter e na vida deles. A injustiça desses juízes causava muito descontentamento, e forneceu-se assim um pretexto para se insistir na mudança que havia muito era secretamente desejada. 'Todos os anciãos de Israel se congregaram, e vieram a Samuel, a Ramá, e disseram-lhe: Eis que já estás velho, e teus filhos não andam pelos teus caminhos: constitui-nos pois agora um rei sobre nós, para que ele nos julgue, como o têm todas as nações.'» (**Patriarcas e Profetas**, pág. 646).

A Samuel, naturalmente, desagradou aquele pedido, mas «disse o Senhor a Samuel: Ouve a voz do povo em tudo quanto te disseram, pois não te têm rejeitado a ti, antes a mim me têm rejeitado, para eu não reinar sobre eles» (I Samuel 8:7).

O pedido de um rei «para que ele nos julgue, como o têm todas as nações» não foi apenas o indício da rejeição de Jeová como rei, mas foi a fonte de toda uma série de injustiças e prepotências.

A vinda de um monarca absoluto e sacralizado determinou a formação de toda uma corte de funcionários e cortesãos ao serviço do rei, o qual os acumulou de favores materiais e de poderes para os manter fiéis e submissos (I Samuel 22:7, 8).

A tal ponto que Israel, de um povo de «irmãos», tornou-se numa monarquia marcada com fortes desníveis sociais. Temos assim os cortesãos, os funcionários do rei, os «grandes», os aristocratas proprietários de terras, os superintendentes dos operários e, por fim, os «trabalhadores braçais».

As vezes encontra-se no texto bíblico a expressão **am ha-ares** «povo da terra» que indica um pouco o povo pobre por oposição aos que detêm o poder. Neste «povo da terra» podemos encontrar os assalariados, os que são constrangidos pela miséria a vender o seu pró-trabalho. Esses fazem parte da população livre, mas a sua condição económica é tão miserável que às vezes se compara com a dos escravos.

Os profetas e a justiça social

A degeneração social de Israel, acompanhada por uma decadência espiritual e moral, é abertamente condenada pelos profetas. A divisão entre ricos e pobres, poderosos e oprimidos, é contrária ao sistema que Deus deseja.

A violência, a injustiça, e daí a riqueza, são condenadas como a idolatria e o perjúrio.

Israel tornou-se orgulhoso pelas suas riquezas e entregou-se ao luxo e à dissolução: «A sua terra está cheia de prata e ouro, e não têm fim os seus tesouros...» (Isaías 2:7).

«...Derribarei a casa de inverno com a casa de verão; e as casas de marfim perecerão, e as grandes casas terão fim, diz o Senhor» (Amós 3:15).

Estas grandes riquezas foram produzidas por meio da violência e da fraude. «Mais disse eu: ouvi, agora, vós, chefes de Jacob, e vós, príncipes da casa de Israel: não é a vós que pertence saber o direito? A vós que aborreceis o bem, e amais o mal, que arrançais a pele de cima deles, e a sua carne de cima dos seus ossos, e que comeis a carne do meu povo, e lhes arrançais a pele, e lhes esmiuçais os ossos, e os repartis como para a panela e como carne no meio do caldeirão» (Miqueias 3:1-3).

«Que justificam o ímpio por presentes, e ao justo negam a justiça» (Isaías 5:23).

«Ouí, agora, isto, vós, chefes da casa de Jacob, e vós, maiores da casa de Israel, que abominais o juízo e perverteis tudo o que é direito, edificando a Sião com sangue, e a Jerusalém com injustiça.

Os seus chefes dão as sentenças por presentes, e os seus sacerdotes ensinam por interesse, e os seus profetas adivinham por dinheiro: e ainda se encostam ao Senhor, dizendo: Não está o Senhor no meio de nós? Nenhum mal nos sobrevirá» (Miqueias 3:9-11).

Naturalmente, o açambarcamento dos bens por parte de uns poucos não deixa espaço aos outros para se instalarem. «Ai dos que ajuntam casa a casa, reúnem herdade a herdade, até que não haja mais lugar, e fiquem como únicos moradores no meio da terra! (Isaías 5:8).

Mas Deus, certamente, não pode aprovar essa maneira de proceder e condena-a asperamente: «O Senhor vem em juízo contra os anciãos do seu povo, e contra os seus príncipes: é que fostes vós que consumistes esta vinha; o espólio do pobre está em vossas casas. Que tendes vós que afligir o meu povo, e moer as faces do pobre? diz o Senhor, o Deus dos Exércitos» (Isaías 3:14, 15).

A degeneração social comporta a degeneração moral e espiritual: «Ai dos que são poderosos para beber vinho, e homens forçosos para misturar bebida forte: dos que justificam o ímpio por presentes, e ao justo negam justiça» (Isaías 5:22, 23).

«Ouí a palavra do Senhor, vós, filhos de Israel, porque o Senhor tem uma contenda com os habitantes da terra, porque não há verdade, nem benignidade, nem conhecimento de Deus na terra. Só prevalecem o perjurar, e o mentir, e o matar, e o furtar, e o adulterar, e há homicídios sobre homicídios... A incontidência, e o vinho, e o mosto, tiram a inteligência. O meu povo consulta a sua madeira, e a sua vara lhe responde, porque o espírito de luxúria os engana, e eles se corrompem, apartando-se da sujeição do seu Deus.» (Oseias 4:1, 2; 11, 12).

Para os profetas, a justiça nas relações sociais é uma exigência religiosa. O culto a Jeová não pode ser considerado autêntico, válido, e não pode portanto ser aceito por Deus, se não for acompanhado com

(Continua na pág. 15)

RAINHAS-MÃES

E MÃES RAINHAS

QUANDO a princesa Ana, da Inglaterra, casou, as fotografias mostravam, entre o grupo real, a figura de uma simpática senhora de idade madura: era a rainha-mãe. Depois da morte do esposo, a exaltada mulher cedeu o lugar à filha que herdou o ceptro do pai. Agora, raramente a mencionam ou é fotografada. Cremos, porém, que, longe da ribalta, a sua influência ainda se faz sentir como conselheira e mãe amorosa.

Actuando na política num passado recente, Frederica, a elegante rainha-mãe grega, influiu em grandes decisões que culminaram no desmoronamento do trono helénico. Mais sóbria e modesta, a sorridente Juliana, abdicando em favor da filha, consegue ainda, ao lado de Bernhard, o aplauso de milhares de holandeses.

Condicionadas a posição de tanto destaque, essas mães assemelham-se a mães comuns, quando se regozijam ou sofrem com as vitórias ou derrotas daqueles que uma vez estiveram nos seus braços.

Se folheamos, porém, as páginas sagradas, o cenário apresenta-se sombrio. Aí está Maaca, procurando imprimir no filho entronizado o estigma da idolatria. O enérgico rei não se deixa influenciar e a rainha-mãe é humilhada, despojada das prerrogativas reais. Além aparece Jesabel, rainha-mãe infame que, sobrevivendo à perda do filho assassinado, encontra ânimo para vaidosamente enfrentar o destemido Jeú, que a destina a morte desonrosa. Mais tarde, a crónica real regista o extermínio de toda uma família, à ordem da sanguinária rainha-mãe Atalia. Não nos deteremos sem destacar, dos anais da História, a imagem infeliz de Agripina, mãe de Nero, moldando no filho as características que fizeram dele um dos maiores monstros de todos os séculos.

Desviemos, porém, o olhar do confrangedor espectáculo, para o panorama benfazejo das mães rainhas. Encontramo-las, abençoadoras e nobres, em qualquer nível. Tempos atrás, um avião particular, transportando quatro pessoas, caiu numa região nevada dos Estados Unidos. O casal idoso faleceu, e a filha, uma jovem mãe, recebendo ferimentos iguais aos dos genitores, sobreviveu pelo intenso desejo de salvar a sua filha pequenina, que se ferira apenas levemente. Não podendo mexer-se para alcançar os alimentos da criança, debaixo da dor da perda dos pais, das próprias feridas e de sede intensa, amamentava o bebé, trocava-lhe as fraldas. Encontrada quase à beira da inanição, estropiada para sempre, sorriu ao ver a filha levada para salvamento por mãos possantes. Ciente desse facto, ao crescer, saberá essa criança entronizar no coração a lembrança daquela mãe?

Disse Deus: «Pode uma mulher esquecer-se tanto do seu filho que cria...?» Dificilmente acontece. Há muitos anos um rapaz, personificando o «Robinson Crusóé» de Defoe, foi realmente abandonado numa ilha deserta, onde viveu largo período. Descoberto, voltou, incógnito, à terra natal. Entrando na igreja, certa manhã, atraiu sobre si a atenção pela exótica aparência. De repente um grito, e uma mulher de cabelos brancos lança-se ao pescoço do desconhecido. Reconhecera, naquele pária, o filho querido e nunca olvidado.

Não é, porém, a esta ou àquela que se destaca do aglomerado das vidas comuns por um acto notável, que se rende o louvor de Maio. Mães, todas elas são iguais, com raras excepções, no passar dos meses e dos anos. Na indignação de leoa a que roubaram os filhos, ou na expressão máxima de ternura humana, todas são rainhas. No paço real, na casa simples, na mansão, debaixo do viaduto ou na barraca de lata, ela debruça-se sobre o filhinho. Uma eminente escritora disse que a acção da mãe, na quietude do lar, no esforço de imprimir nos filhos os princípios que os tornarão úteis à sociedade, no futuro, é comparável aos feitos do esposo, conhecidos e aplaudidos pelos homens.

A mulher tem-se destacado, igualando-se ao elemento masculino, nas mais variadas e elevadas consecuições. A inteligência, a habilidade, o espírito de iniciativa, projectam-na às altas esferas de acção e não temos dúvidas de que o futuro lhe reserva uma posição preeminente. Mas no transcorrer das idades, desde a esperançosa Eva ao dizer: «Alcançei do Senhor um varão», aos nossos dias febricitantes, nada substitui, decompõe ou oblitera o cenário interior da casa, onde uma figura sempre bela, a despeito da idade ou da aparência, se movimenta lenta ou agilmente, com correcção ou com falhas, mas sempre impelida por aquele sentimento ímpar na Terra, que só encontra paralelo no coração do Pai celeste. Por isso Deus continua: «...ainda que ela se esqueça, Eu, todavia, não Me esquecerei de ti».

Que as mães deste século reinem com sabedoria, intensamente interessadas no homem por vir. Que, guiadas pela Palavra, no estaleiro da sua casa, imprimam caracteres correctos na criança e no jovem que amanhã demandarão o mar bravio deste mundo. Se o piloto for Jesus, não singrarão rotas incertas.

Que os filhos coroaem testas jovens ou fronte encanecidas, colocando-lhes nas mãos, na significativa data, o ceptro que as tornará rainhas no ambiente onde mais difícil é a vitória: o lar.

Iolanda Anversa da Silva

PORQUE PERMITE DEUS O MAL?

Por Carlos D. Perrone

QUIS conhecer aquele idoso professor de rosto severo, tão querido dos seus antigos alunos. Esperava ver nele um homem inspirador, corajoso, capaz de animar os outros. Mas a minha decepção foi grande.

Excitou-se quando lhe falei na fé em Deus. Recordou então as palavras de certo poeta, que mencionou pelo nome, nas quais se queixava «de ter sido trazido à existência sem o seu prévio consentimento, de se ver obrigado a viver num mundo que lhe era hostil e repulsivo, somente para ser levado à escura noite da morte, sem saber aonde ia e sem poder fazer nada para o evitar», e rematava a sua queixa com uma acusação que ainda soa aos meus ouvidos por ser blasfema e disparatada: «Quando Deus criou este mundo miserável, devia ter bebido vinho.» Depois desta introdução, procurou fazer-me ver que, se realmente há um Deus justo e amante nos céus, porque permite tanta injustiça e tanto ódio na terra?

Há pouco tempo, encontrava-me no pátio de um tribunal de menores, e vi ali um grupinho de umas cinco ou seis crianças magras, mal vestidas, sujas, e algumas com magoadelas que revelavam maus tratos. Uma delas tinha os braços e as pernas tão delgados que pareciam baquetas de tambor.

Pouco depois notei que já lá não estavam. Alguém me fez este comentário: «Os pais trouxeram-nos para os deixar definitivamente, porque dizem que não os podem sustentar.» No entanto, aqueles pais não pareciam mal alimentados nem muito necessitados. O que tinham era a marca do desleixo e do vício estampada no rosto. Perguntemos ao idoso professor: «Terá Deus a culpa do abandono dessas criaturas, ou serão os pais os únicos culpados?» Recorramos às páginas da Bíblia. Encontraremos nelas a resposta para perguntas como estas, que perturbam tantas almas sinceras.

Deus amou o mundo de tal maneira ...

O conhecido texto de João 3:16 diz-nos que Deus amou muito o homem. E a Bíblia inteira nos diz que o amou antes de o criar e preparou para ele um mundo que era «muito bom». Dotado de livre arbítrio, o homem podia amar a Deus espontaneamente, aprender com Ele dia a dia e louvar o seu nome pela eternidade.

Era, porém, necessário dar provas da sua obediência, e para isso o Senhor designou uma prova

pequena, insignificante. Havia milhares de árvores no jardim; todas eram boas. Deus apenas reservou para si uma, na qual não se deveria tocar. Adão e Eva foram advertidos desse facto; o castigo da transgressão seria nada menos que a morte.

«Ora a serpente era astuta» e, por meio de enganos, **deu uma falsa ideia das intenções divinas**, para enganar a mulher. Os ardis da serpente não desculparam a mulher e muito menos Adão, porém abrem um precedente: Satanás prepara o caminho da tentação, mediante falsas representações do carácter de Deus, atribuindo-lhe as suas próprias paixões ímpias e egoístas.

Depois da queda, o homem estava condenado a morrer. Que poderia fazer Deus por ele? Havia apenas três caminhos a seguir:

1. Anular a lei e esquecer o passado. Assim o homem não teria que morrer, mas, não significaria isso a legalização do pecado e a respectiva generalização no universo, com todo o seu cortejo de dor e desgraça? A resposta é óbvia.

2. Cumprir a lei, dando a morte a Adão e a Eva. Teria sido justo. Mas, tê-lo-iam compreendido dessa maneira os restantes seres criados? Continuariam a obedecer por amor, ou seriam dominados pelo medo? Uma atitude tão drástica não teria dado a Satanás oportunidade para continuar atribuindo a Deus más intenções, com argumentos mais convincentes?

3. Restava um único caminho. Que o próprio Deus carregasse com a culpa, na pessoa do seu Filho, para assim livrar todo aquele que, por fé, lhe entregasse plenamente o coração, a fim de lhe dar a possibilidade de voltar a pertencer à sua família. Desse modo a lei ficava intacta e o homem podia ser salvo. A justiça e a misericórdia uniam-se em perfeita harmonia. Através deste plano de amor abnegado e de sacrifício infinito, Deus é «justo e justificador daquele que tem fé em Jesus» (Rom. 3:26).

Um caminho longo e sinuoso

Deus não corta por um atalho para chegar mais depressa. A sua prudência afasta-o de todo o procedimento drástico que poderia estropear a sua obra. Ele quer conseguir a obediência voluntária dos seus

filhos, para a felicidade deles, e isto não se consegue com actos de força, por muito lácidos que possam ser. Era necessário que o mal amadurecesse completamente para ser irradicado, diante de um universo plenamente convencido da justiça de Deus. Devia ser eliminado de uma vez para sempre. Não se poderia permitir a menor precipitação, a qual faria falhar o plano todo. Havia um acusador pronto a tirar partido de cada circunstância. Era necessário agir com cautela.

Eva teria certamente desejado que aquela «semente» prometida saísse do seu ventre e no seu tempo esmagasse a cabeça da serpente. Mas ignorava o comprimento do caminho que o mundo teria de percorrer até à grande consumação. No lugar do Salvador, deu à luz Caim, o primeiro assassino. E Deus via todas as coisas. O próprio Deus procurou persuadir aquele rebelde, mas não conseguiu. Apesar disso, a morte de Abel e a aterradora multiplicação do mal sobre a terra ajudaram Adão e Eva a compreender, com grande amargura, as graves consequências do seu pecado.

Porém Deus não estava ocioso nem despreocupado. Enviou patriarca após patriarca e profeta após profeta para dar aos homens a oportunidade de se arrepender e voltar à justiça, mas bem poucos lhes deram ouvidos. Sinais e prodígios de origem celeste acompanharam o ministério dessas fiéis testemunhas; mas os ímpios tinham ouvidos que não ouviam as promessas de perdão e restauração, olhos que não viam os sinais e prodígios, lábios que, podendo louvar a Deus, apenas se abriam para amaldiçoar o seu nome. Que mais podia Deus fazer? Poderemos acusá-lo de descuido ou negligência? **Toda a onnipotência de Deus se perde diante da teimosia de um coração obstinado que recusa aceitar o resgate.**

Factos e não palavras

Deus viu que as palavras não valeriam muito neste conflito. Cada engano descoberto logo seria substituído por novo engano. E à medida que Satanás obtivesse mais experiência nesse procedimento, os enganos tornar-se-iam mais subtis e poderosos. Eram precisos factos.

Por isso, «vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adopção de filhos» (Gál. 4:4,5). E este Filho, Jesus, «andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com Ele» (Actos 10:38). Por outras palavras, ali estava o eterno Deus com os homens, ocupado em abençoá-los e aliviar todas as suas necessidades.

Mas como responderam estes à obra de misericórdia do Salvador? Os mesmos lábios que, cheios de júbilo, gritavam: «Hosana ao Filho de David!» naquele feliz domingo de ramos, enrouqueceram na sexta-feira seguinte enquanto reclamavam: «Crucifica-o, crucifica-o!» Sem dúvida, o mesmo incrédulo que hoje acusa Deus dos males deste mundo teria,

naqueles dias, estado entre a multidão que desprezou o Santo e Justo, e que pediu, em troca, a libertação de um homicida.

Deus é sábio

Quando o Mestre alimentou a multidão e curou muitos doentes, logo quiseram fazê-lo rei. Procuravam a graça de Deus? Não! Só pensavam em ter um rei excepcional, que os levasse à conquista do mundo e à glória terrena. Um rei capaz de lhes oferecer todo o alimento de que necessitassem e curasse todos os soldados caídos na batalha.

Se Deus alimentasse milagrosamente todos os prejudicados pela guerra, não estaria multiplicando as guerras, ao retirar o único meio e único argumento capaz de a deter, ou seja a dor? E se socorresse milagrosa e sistematicamente todas as crianças que sofrem por causa dos seus pais caídos no vício, seria isto uma ajuda para que houvesse menos viciados ou fomentaria ainda mais a irresponsabilidade e o abandono? O mundo quer um Deus que o livre da fome e da dor. Não se interessa pelo Deus que pugna por libertá-lo do pecado, que é a verdadeira raiz de todos os males da humanidade.

Mas Deus não abandona os que confiam nele, e sabemos de muitos fiéis que, tanto na antiguidade como nos dias de hoje, foram socorridos pelo Senhor, e continuam a sê-lo, com poderosos milagres, quando é conveniente que assim seja.

Desde Abel até ao último santo que exista neste mundo, muitas vezes o justo tem pago pelo pecador, como diz a expressão popular. É este o doloroso preço que é necessário pagar para que o pecado seja conhecido em toda a sua deformidade e horror, até que nenhuma mente, nem nos céus nem na terra, tenha a mínima sombra de dúvida a respeito dos enganos de Satanás, e para que o mal possa ser definitivamente eliminado.

Nada há de certo nas acusações do amargurado ateu. Deus ama o homem e dá tudo por ele. Onde está a dificuldade? No coração obstinado do homem, que não quer abandonar os seus pecados e que, no seu extravio, acaba por chamar ao bem mal e ao mal bem; que se ilude e despreza os dons de Deus. Que mais pode fazer Deus por ele? Quem sabe se, depois destas reflexões, veremos mais luz na passagem de Isaías 59:1, 2, que diz: «Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar, nem o seu ouvido agravado para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus, e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que não vos ouça.»

Querido leitor, qual é a tua condição? Culpas Deus pelos males do mundo, ou descobriste a tua própria culpabilidade? Oxalá seja este o teu caso! Poderás então acorrer sem demora ao Salvador que anela limpar-te da culpa e converter-te num seu colaborador, para a construção do mundo novo, sem males, que Ele vai em breve estabelecer. Vem. Não te demores.

SE SOMOS SALVOS PELA GRAÇA PORQUE GUARDAR A LEI?

M. N. CORDEIRO

DEUS criou Adão e Eva a fim de viverem uma vida perene, isto é, candidatos à imortalidade. Tal imortalidade estava, porém, sujeita a uma condição: não comerem da árvore da ciência do bem e do mal, pois no dia em que dela comessem certamente morreriam (Gén. 2:16, 17). Com a transgressão de Adão e Eva a esta ordem ou mandamento de Deus, ficaram privados da vida perene que o Senhor lhes havia concedido por ocasião da sua criação. Foram, por isso, expulsos do Jardim do Éden, lugar de completa paz e felicidade, onde se encontravam o rio e a árvore da vida, a fim de impedir que a eles continuassem a ter acesso e permanecessem imortais, visto Deus não permitir a imortalidade do pecado e pecadores.

Logo após a sua transgressão, Adão e Eva foram despojados das vestiduras celestiais com que o Senhor os havia revestido. Estes vestidos eram constituídos por raios brilhantes, que representavam a justiça de Cristo. Ao verem-se assim despojados procuraram fabricar vestidos por suas próprias mãos mas, oh quão diferentes! Aqueles de luz brilhante, representando a perfeita justiça de Cristo, estes de folhas de figueira representando a imperfeita justiça do homem. Assim têm os homens, desde então, procurado tapar a nudez das suas transgressões com vestidos de sua feitura, isto é, com as suas próprias obras. Mas as melhores obras do homem, por muito perfeitas que sejam, serão sempre impotentes para resgatar o homem da sua condição de transgressor da Lei de Deus. Mas Deus, que é todo amor e infinito em misericórdia e perdão, havia já delineado um plano pelo qual resgatar o homem caso ele viesse a transgredir.

Esse plano era o de dar o Seu único Filho para morrer a morte que o homem merecia, a fim de o redimir do seu pecado (João 3:16).

Até à altura em que Jesus viesse a esta terra para cumprir o plano da redenção, Deus instruiu o homem de que deveria, periodicamente, ou sempre que o Senhor lhe ordenasse, construir um altar de pedras e sobre ele sacrificar um cordeiro sem mancha ou mácula. Ao derramar aquele sangue inocente deveria o homem lembrar-se de que as suas transgressões iriam causar o derramamento do sangue imaculado do próprio Filho de Deus. Assim, quando Adão ofereceu o primeiro sacrifício a Deus, o derramamento do sangue da vítima causou nele profunda impressão ao pensar que aquele sangue era o resultado da sua transgressão. Ao contemplar, através desse sangue, com os olhos da fé, aquele momento em que o Filho de Deus iria derramar o Seu imaculado sangue por causa da sua transgressão e das transgressões de todos os homens, Adão compreendeu também o sofrimento doloroso que causara a Deus na pessoa do Seu Filho e bem assim o grande amor revelado pela Trindade para resgate de toda a criatura humana. Aquele cordeiro representava, pois, «o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (João 1:29).

Assim, chegando a plenitude dos tempos, Jesus veio a este mundo, tomando a forma humana através da encarnação, por obra do Espírito Santo, na virgem Maria, a fim de efectuar uma eterna salvação a favor de todos aqueles que lhe obedecem e aceitam o Seu supremo sacrifício (Heb. 5:9).

Hoje é precisamente o mesmo. Uma pessoa peca cada vez que transgredir a Lei de Deus. Como podemos, então, libertar-nos do pecado, visto que somos transgressores da Lei de Deus? Unicamente pelo sangue imaculado do Senhor Jesus Cristo. Os nossos méritos humanos de nada valem para nos libertarmos do pecado. Por isso somos salvos por meio da graça que opera através da fé. A graça vem de Jesus Cristo, nosso substituto, pois Ele tomou sobre

Si mesmo as nossas culpas e suportou a morte que nos cabia a nós sofrer. A fé é-nos insuflada pelo Espírito Santo, mas compete-nos exercitá-la, caso contrário ela definhará e acabará por não nos conduzir à aceitação da graça. E sempre que isto aconteça estaremos irremediavelmente perdidos, se não nos arrependermos e recebermos a graça pela fé, uma vez que somos pecadores. Ao nos apoderarmos da graça que vem de Cristo, recebemo-l'O em nossos corações e Ele nos justifica, isto é, apaga os nossos pecados com a Sua justiça que Ele nos adquiriu na cruz do Calvário ao ter morrido a morte que nós merecíamos, pois Ele foi sempre «obediente até à morte e morte de cruz» (Fil. 2:8). Como poderemos nós, depois de termos sido justificados no sangue imaculado do Senhor Jesus Cristo, continuar a pecar? Isto não forma sentido. Pois se assim fosse, de que nos valeria termos sido lavados, se continuássemos a sujar-nos? Estaríamos desse modo anulando o perdão do Senhor Jesus. Antes pelo contrário. Depois de lavados sentiremos maior desejo de permanecer limpos do que anteriormente quando estávamos imundos, sujos. Quando uma pessoa, por exemplo, estreia um fato ou vestido novo, tem mais cuidado em não o sujar do que antes de o vestir, quando andava, possivelmente, com um já velho, sujo e roto. Assim se dá com a lavagem dos nossos pecados, pois o próprio Jesus se refere a essa transformação como se nos tivesse vestido de vestidos brancos, limpos (Apoc. 3:5).

Agora compreenderemos melhor a razão por que depois de recebermos a graça estamos mais dispostos a obedecer ao Senhor, pois Ele mesmo colocará esse desejo nos nossos corações (Heb. 8:10; 10:16).

Foi, como vimos extensamente, a transgressão da Lei de Deus que nos fez transgressores e pecadores e levou o Senhor Jesus a morrer por nós. Porque haveríamos de crucificar de novo o nosso Salvador, continuando a transgredir essa Lei? (Heb. 6:6).

Nos tempos do Velho Testamento as pessoas eram justificadas, como vimos atrás, através de símbolos ou sombras que tipificavam Jesus Cristo — «o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (João 1:29). Tais símbolos ou sombras constituíam a Lei Cerimonial. Esta lei foi dada a Moisés no deserto e requeria que o transgressor ou pecador oferecesse um cordeiro em holocausto para remissão dos seus pecados, após os haver confessado sobre a cabeça do animal, pois sem derramamento de sangue não pode haver remissão de pecados (Heb. 9:22), visto que «o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo nosso Senhor» (Rom. 6:23). Esta foi a Lei que Jesus pregou na cruz, visto ser para Ele que apontavam os sacrifícios dos cordeiros que vinham sendo imolados pelas transgressões do povo. Quando Jesus expirou na cruz do Calvário, o véu do Templo, que separava o lugar

santo do lugar santíssimo, rasgou-se de alto a baixo por mão invisível e assim o cordeiro, que estava para ser imolado pelo sacerdote, escapou, pois já não havia necessidade que um animal fosse sacrificado, uma vez que Aquele para quem esse cordeiro indicava acabava de fazer o sacrifício máximo pela Humanidade, como «o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (João 1:29; Mat. 27:51; Marcos 15:38; Lucas 23:45). Daqui concluímos que esta Lei era transitória até que chegasse a plenitude dos tempos, isto é, Cristo suportasse o sacrifício máximo para a redenção da Humanidade.

A Lei Cerimonial encontra-se delineada em várias regras e cerimónias a perfazer para a expiação das várias culpas. Nos primeiros sete capítulos do livro de Levítico, encontramos os principais pormenores.

A Lei Moral é a Lei dos Dez Mandamentos de Deus. Era e é de carácter eterno como o Seu Autor, Deus, o é (Êxodo 15:18). Esta Lei, escrita pelo dedo do próprio Deus em duas tábuas de pedra (Êxodo 31:17), destinava-se a servir de teste à fidelidade do homem. Foi primeiramente dada a conhecer a Adão no Éden e mais tarde, como acabamos de ver, entregue a Moisés pelo próprio Deus, em forma escrita. Jesus referiu-se a esta Lei como sendo de carácter eterno (Mat. 5:17-18). Foi a transgressão da Lei Moral que tornou necessária a Lei Cerimonial para expiação, simbólica, dessa transgressão. Por conseguinte, a morte do Senhor Jesus Cristo na cruz do Calvário foi para expiação, plena e cabal, das transgressões dos homens a essa mesma Lei. Se com a morte de Jesus os homens ficassem desobrigados de guardar a Lei dos Dez Mandamentos, então teria sido em vão a Sua morte, ou, o que teria sido mais fácil, Deus tê-la-ia abolido para que o homem não mais estivesse sob a Lei do pecado, «porque onde não há Lei também não há transgressão» (Rom. 4:15), e desse modo teria evitado a morte do Seu Filho.

O apóstolo S. Paulo afirma-nos em Romanos 2:13 que serão justificados aqueles que praticam a Lei e não os que apenas a ouvem. O mesmo nos afirma S. Tiago 1:25. E ainda em Romanos 3:31 nos é dito que estabelecemos a Lei pela Fé.

Podemos agora compreender melhor a razão por que a fé coopera com as obras da Lei (Tiago 2:22, 24-26). Que a graça não nos desobriga de guardar a Lei, visto que a graça veio para nos libertar da condenação da Lei. Que se continuássemos a transgredir a Lei, então a graça de nada nos aproveitaria por nos constituirmos, na mesma, transgressores ou pecadores e, neste caso, com a agravante de sermos considerados transgressores voluntários. Esta é a razão por que nestes últimos dias o Senhor está enviando a toda a terra a mensagem de apelo solene: «Temei a Deus e dai-Lhe glória porque é vinda a hora do Seu juízo» (Apoc. 14:7), quando todos os homens serão julgados pela Lei da liberdade (Tiago 2:12).

AS AVENIDAS DA MENTE

Como psicólogo, descobri que poucas coisas afectam mais a vida emocional dos jovens do que os pensamentos.

COLIN D. STANDISH

OS JOVENS de hoje são o alvo do bombardeio da propaganda. A rádio, a televisão, os jornais, as revistas, os cartazes e todo o meio concebível de comunicação de massa, são especialmente dirigidos à juventude. Admite-se nos meios de propaganda que os jovens são mais susceptíveis a truques e que os hábitos estabelecidos na juventude persistirão provavelmente até ao fim participando no equilíbrio geral da sua vida.

Esta situação apresenta um desafio singular aos jovens adventistas. Outra coisa não seria de esperar, pois as Escrituras avisam-nos de que o nosso «adversário anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar» (1 Ped. 5:8). Parece lógico que os seus esforços especiais sejam dirigidos contra os jovens, pois é normalmente na infância e na juventude que as atitudes básicas da vida de desenvolvem — crenças, tendências, preconceitos e convicções.

Não é, pois, de surpreender que, com frequência, Ellen White aconselhe os cristãos a ter cuidado no que diz respeito às influências sensoriais que recebem. «Sem hesitação ou argumentação, devemos salvaguardar as avenidas da alma contra o mal». — **Testimonies**, vol. 3, p. 324. Essa vigilância não pode ser uma reacção passiva por parte do cristão. Deve incluir um programa activo de vida, a fim de que os sentidos, que são o meio pelo qual os acontecimentos do nosso mundo externo se tornam impressões conscientes na mente, se exponham ao máximo às influências que contribuem para o crescimento e desenvolvimento cristãos, e se exponham o mínimo possível àquelas que levam para as diversões mundanas.

Ellen White, além disto, diz: «Os que não querem cair presa dos enganos de Satanás, devem guardar bem as vias de acesso à alma, devem-se esquivar a ler, ver ou ouvir tudo quanto sugira pensamentos

impuros. Não devem permitir que a mente se demore ao acaso em cada assunto que o inimigo das almas possa sugerir. O coração deve ser fielmente guardado, pois de outra maneira os males externos despertarão os internos, e a alma vagará em trevas». — **Actos dos Apóstolos**, p. 518.

Foi com a consciência deste facto que João Baptista aceitou a responsabilidade de ser o precursor de Cristo. Para cumprir adequadamente a sua missão, ele teve, tanto quanto possível, de fechar cada avenida pela qual Satanás pudesse ter acesso à sua mente (ver **O Desejado de Todas as Nações**, p. 71). Os jovens desta geração devem ser Elias modernos, a fim de apresentar na sua plenitude a mensagem de Elias, que será o arauto da segunda vinda de Jesus Cristo. Assim, numa situação mais crítica, os sentidos devem ser guardados contra o bombardeio total, usado eficazmente por Satanás para destruir a capacidade de pensar e as fibras morais dos jovens. Isto inclui todas as modalidades dos sentidos, pois cada sentido pode ser eficazmente usado pelo inimigo a fim de ter acesso aos pensamentos básicos da nossa mente.

Basicamente a questão da nossa salvação repousa na mente. «Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do espírito é vida e paz» (Rom. 8:6). Não há maneira pela qual possamos desenvolver uma mente espiritual enquanto ela se alimentar carnalmente, nem podemos alimentar o nosso corpo com aquilo que não tem valor nutritivo e esperar desenvolver uma forte constituição física. É necessário que se reconheça que o desenvolvimento de uma mente em harmonia com a vontade divina não vem meramente por meio da vigilância dos males externos. Deve haver uma orientação activa da mente, em relação com as coisas perceptíveis, de modo a promover o fortalecimento das dimensões espirituais da vida cristã. David com-

preendeu esta necessidade quando disse: «Escondi a Tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra Ti» (Salmo 119:11). Não há melhor maneira de guardar as vias de acesso à alma do que mediante o diário fortalecimento das energias espirituais que provêm da Palavra de Deus. Isto não é apenas recomendado àqueles que procuram desenvolver a mente de Cristo Jesus, mas é essencial «como salvaguarda contra o mal, [pois] a preocupação do espírito com o bem vale mais do que inúmeras barreiras de lei ou disciplina». — **Conselhos Sobre Saúde**, p. 192.

Semelhante a um balde de água suja

Como psicólogo, descobri que poucas coisas afetam mais a vida emocional dos jovens do que os pensamentos. Muitos são pecados ocultos, sendo quase impossível erradicar da sua mente aqueles pensamentos que separam de Deus. Não há problema se, ao virmos a Cristo, houver uma tremenda força alimentando a natureza carnal. Uma tendência que não é imediatamente eliminada quando nos aproximamos de Jesus, é uma coisa que o diabo usa continuamente como fonte de tentação, a fim de desenvolver sentimentos de insuficiência, desânimo e fracasso. Comumente, muito depois, embora, mediante o poder do Espírito Santo e pela presença íntima de Jesus, a vitória tenha sido ganha sobre pecados por meio de palavras e ações, há ainda o confronto com aqueles pecados que, ocultos para os outros, evidenciam a luta com a nossa natureza carnal. Não obstante, a vitória pode ser nossa por meio da Palavra de Deus e constante suprimento da mente com o alimento que procede do Céu.

Quando nos aproximamos de Cristo, a nossa mente é, por assim dizer, como um balde de água lamacenta, poluída durante anos de contaminação mental. Se se permitir que água limpa pingue lentamente na água suja, não acontecerá nada de significativo. A água continuará lamacenta. Por outro lado, se o balde for colocado sob uma forte torneira, completamente aberta, deixando que a água fresca inunde o balde, depressa a água turva se escoará pela beira do balde, e a água no interior do recipiente começará a clarear até que, finalmente, haja apenas água pura dentro dele. É isto o que basicamente necessitamos, se quisermos purificar a nossa mente. Nada é mais eficaz do que o estudo e memorização da Palavra de Deus como meio de «remediar os defeitos do nosso carácter, a fim de purificar de toda a imundície o templo da alma». — **Testimonies**, vol. 5, p. 214.

Submissão completa

Isto inclui uma entrega total da vida a Jesus, um diligente abandono daquilo que é destrutivo, e vigoroso desenvolvimento de um modo de vida que per-

mita que a Palavra de Deus nos fale continuamente. A pureza da mente de Jesus foi resultado da íntima relação que Ele manteve com o seu Pai, juntamente com um profundo e constante estudo das Escrituras. Este também deve ser o nosso empreendimento e, de facto, deve ser, pois somos exortados a ter em nós «o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus» (Fil. 2:5).

Satanás usa muitos meios de solapar os processos mentais daqueles que, a não ser isso, seriam de grande benefício para a obra de Deus. Deste modo, procura destruir ou retardar seriamente os esforços que Deus faz em relação a nós para a terminação da Sua obra. Nesta época moderna da tecnologia sofisticada, o diabo tornou-se mais capaz de fazer incursões até mesmo na mente dos membros da igreja de Deus. Por meio da rádio, televisão, discos e vários meios de comunicação escrita, o diabo estabeleceu uma dependência para com a diversão entre muitos jovens e, portanto, torna-se difícil atrair a atenção deles, a menos que esteja envolvido um forte factor relacionado com entretenimentos. Isto nota-se nas salas de aula, nas actividades da Escola Sabatina e serviços de culto. As publicações para jovens tendem a ser leves e próprias para lazer, carentes da profundidade tão visível em décadas passadas. A nossa mente torna-se frequentemente insensível ao que é proveitoso e que requer estudo mais profundo. A isto acrescenta-se o problema da instabilidade emocional e prostração mental. Muitas crianças e jovens alimentam-se de uma consistente dieta de simulação e são forçados a viver num mundo irreal, tendo pouco tempo para ocupações proveitosas na vida prática, tão importantes no crescimento e desenvolvimento cristãos. A mente não se desliga quando uma novela chega ao fim, ou quando os acordes de um disco termina, ou quando um programa de televisão acaba. A mente é uma unidade dinâmica que associa novas experiências com experiências passadas e provê estímulos para o início de outras novas experiências. «Os leitores de obras frívolas ou excitantes ficam incapacitados para o cumprimento dos deveres que lhes incumbem. Vivem uma vida irreal». — **Testemunhos Selectos**, vol. 3, p. 165. Podemos acrescentar os ouvintes de programas frívolos e excitantes da televisão. Não é, portanto, de admirar que tão poucos jovens tenham gosto pelas coisas que Deus admite como as mais importantes para a sua vida!

Deus procura uma geração de jovens cuja mente haja sido purificada da influência corrupta e perversa dos meios de comunicação do mundo actual. Um grupo de jovens que tenham desenvolvido uma compreensão do que significa viver e trabalhar por Jesus, que dêem prioridade aos deveres práticos da vida, reconhecendo que, o que quer que façam, deve ser feito para a glória de Deus. Esta é a geração que Deus está convocando para terminar a Sua obra.



«Querida amiga secreta...»

Uma história para os mais jovencinhos. Cada menina da classe tinha a sua amiga secreta. A Tina calhou aquela que ninguém queria.

NAQUELA manhã, a classe da professora Sartori estava toda excitada. Tinham visto no escritório da direcção uma aluna nova. A Francisca percebeu que ela vinha para a quinta classe, como todas as colegas.

Grupos de meninas daquela classe foram-se demorando no corredor para conseguir ver a recém-chegada. Linda disse:

— Parece-me que já a tinha visto — e acrescentou que, na sua opinião, não era o tipo apropriado para a classe delas.

Diana abanou com a cabeça energicamente. Também ela era da mesma opinião e comentou:

— Vocês sabem, é tão gorda que não sei como vai conseguir sentar-se na carteira!

A campainha tocou e as meninas entraram precipitadamente para a aula, sentando-se nos seus lugares. Naquela manhã, a meditação religiosa foi diferente do habitual. Geralmente, a professora lia qualquer coisa num livrinho. Naquele dia, em vez disso, falou da necessidade de cultivar a amizade. Aludiu ao mal que as palavras podem fazer. Então leu:

«A morte e a vida estão no poder da língua, e aquele que a ama comerá do seu fruto» (Provérbios 18:21). Depois acrescentou:

— Meninas, tenham sempre muito cuidado com a maneira como falam.

Dali a pouco o director da escola entrou na aula e apresentou a aluna nova. Nenhuma menina se mostrou simpática para ela. Nenhuma lhe disse nada.

No recreio ainda foi pior. Cada menina escolheu uma colega para jogar com a bola. Nenhuma delas pensou na Maria, que ficou sentada, sozinha, num canto do jardim.

No dia seguinte, Maria apareceu na escola com muitas coisas novas: lápis novos, borracha nova, régua nova, cadernos novos, etc. A Tina viu-a e sentiu desejo de ter também coisas como aquelas. Infelizmente a única coisa nova que tinha era uma régua de madeira.

Durante a lição de aritmética, Tina não conseguiu encontrar a sua régua. Olhou em volta e viu que a da Maria era perfeitamente igual à sua. No intervalo, resolveu falar com a Maria.

Depois da escola, Tina entreteve-se com a sua amiga Luísa. Esta perguntou-lhe:

— O que é que a Maria te disse?

— Disse-me que a régua era dela — respondeu Tina. — Eu, então, perguntei-lhe se era a mãe que lhe tinha comprado e disse-me que não. Perguntei-lhe quem lhe tinha dado e ela respondeu que isso era uma coisa que «não interessava». Sabes como falam estas raparigas do campo! Eu penso que a régua é a minha.

De tarde, a professora convidou as meninas a escrever o seu nome em pedacinhos de papel que lhes foram distribuídos. Depois de dobrados, os papelinhos foram postos numa caixinha e depois cada aluna tirou um. O nome que saía era o da amiga secreta daquela que o tirava. Como faltavam só seis semanas para o fim do ano escolar, era a última oportunidade para isto. As aulas fechariam com um piquenique num belo parque. A professora explicou:

— Só nesse dia é que se vão dar a conhecer as amigas secretas e, nos jogos que se vão fazer, cada uma ficará ao pé da sua.

Tina leu o nome que lhe saiu e ficou muito aborrecida:

— Oh, não! — disse para si mesma. — E logo a Maria!

Depois teve uma espécie de rebate de consciência e continuou a pensar:

— Deixá-lo, embora seja a Maria, vou procurar fazer o melhor que puder.

Mas que poderia fazer com ela? Geralmente, de vez em quando, metia-se no saco do lanche da amiga secreta uma supresazinha «comestível». Infelizmente, a Maria já era bastante gorducha para ter necessidade de mais alimentação. Por outro lado, Maria tinha todas as coisas que eram precisas para a escola ainda novas.

— Incluindo, ainda por cima, a minha régua — comentou ela. Que poderia dar à Maria que esta ainda não tivesse?

Uma semana depois, enquanto a Tina ainda estava a pensar o que havia de dar à sua amiga

secreta, reparou que a Maria estava sentada, separada do grupo, ao pé da parede, a chorar. Então lembrou-se de pegar numa caneta e escrever:

«Querida Maria, tu não sabes quem eu sou, por isso é mais fácil fazeres o que te digo. Todas as tardes, quando acabam as aulas, deixa os teus lápis em cima da carteira para eu os afiar. Além disso eu limpo a tua carteira todas as semanas até ao fim do ano, se tu quiseres. Se estiveres de acordo, põe um bilhete em cima da carteira com a palavra **SIM**, e os lápis ao lado, já esta tarde. A tua amiga secreta.»

Tina sorriu, contente. Bem visto, seria divertido ser amiga da Maria.

Naquela tarde, Maria deixou em cima da carteira três lápis para afiar e um bilhete escrito desta maneira:

«Querida amiga secreta, eu pensava que o meu nome tinha ficado de fora. Estou muito contente porque isso não aconteceu. **SIM**.»

As semanas seguintes foram cheias de coisas agradáveis, que todas as meninas apreciaram. Um dia Tina encontrou na carteira, em cima dos seus livros, a famosa régua. Quem sabe se a Maria teria adivinhado que era ela a sua amiga secreta? Chegou o último dia da escola e do piquenique. As meninas estavam electrizadas. Maria sentia-se muito feliz porque algumas alunas da sua classe se tinham tornado suas amigas.

— Todas em fila! — ordenou a professora logo depois de o autocarro as ter levado até ao parque. Pegou no registo e começou a fazer a chamada. Cada menina que era nomeada devia dizer quem era a sua amiga secreta. Quando a senhora chamou Maria, esta ficou radiante, porque Tina era a sua amiga secreta, e ela, por sua vez, era a amiga secreta de Tina. As duas meninas formavam um quadro digno de se ver. Faziam um

grande contraste que, no entanto, não era desagradável: a gorducha Maria ao lado da magrizona e desvolta Tina.

As duas meninas riam a não poder mais e parecia que não eram capazes de parar. Ainda estavam a rir quando chegou o momento de distribuir as prendas. A Maria recebeu um pacote de lindas fitas para o cabelo.

— Hoje vamos pôr as azuis — disse Maria sorridente. E em menos de um momento as fartas cabeleiras de Maria e de Tina foram enfeitadas com duas bonitas fitas daquela cor.

Durante a viagem de regresso à escola, as duas amiguinhas contaram uma à outra os seus pequenos segredos. Um deles foi o que a Maria disse à Tina:

— Quando vim para esta escola a primeira vez, pensava que ninguém gostava de mim. O meu pai e minha mãe tinham-se divorciado há pouco tempo. Nem um nem outro me queria consigo e eu fui para casa doutra família. Mas a senhora professora disse-me que gostava de mim e que Jesus também gostava. Agora sei que tu também gostas de mim. E estou muito contente. Tão contente! No sábado que vem, senta-te ao pé de mim na igreja. Vê se vestes qualquer coisa verde e assim podemos pôr as fitas verdes no cabelo. Está bem?

Enquanto voltava para casa, Tina saltava de contente. Lembrou-se das palavras ditas pela professora algumas semanas antes e compreendeu.

E agora vou dizer-vos um segredo. Mas procurem adivinhá-lo. Leiam com atenção este parágrafo. Esteja hoje a Maria onde estiver, tenho a certeza de que se lembrará do doce fruto da amizade que nós, naquela tarde, no parque, dividimos uma com a outra, durante o piquenique da quinta classe elementar.

Tia Lídia

A JUSTIÇA SOCIAL NO ISRAEL ANTIGO

(Continuação da pág. 6)

uma justiça real. As festas religiosas são apenas hipocrisia e maldição se aqueles que participam nelas não agirem de um modo justo em relação aos seus irmãos. Deus não é meu pai se os «outros» não forem verdadeiramente meus irmãos.

«Aborreço, desprezo as vossas festas, e as vossas assembleias solenes não me dão nenhum prazer. E, ainda que me ofereçais holocaustos, e ofertas de manjares, não me agradarei delas: nem atentarei para as ofertas pacíficas dos vossos animais gordos. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos;

porque não ouvirei as melodias dos teus instrumentos. Corra, porém, o juízo como as águas, e a justiça como o ribeiro impetuoso» (Amós 5:21-24).

Assim também o verdadeiro jejum não é cobrir a cabeça com cinzas e flagelar-se, mas é abrir-se ao próximo e fazer que todos possam desfrutar os bens e a liberdade que Deus oferece a todos. «Porventura não é este o jejum que escolhi? que soltes as ligaduras do jugo? e que deixes livres os quebrantados, e despedaces todo o jugo? Porventura não é, também, que repartas o teu pão

com o faminto, e recolhas em casa os pobres desterrados? e, vendo o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne?» (Isaías 58:6, 7).

Naturalmente, o ideal da justiça social só se realizará plenamente na nova Jerusalém que Deus há-de estabelecer no futuro: «E edificarão casas, e as habitarão; e plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque os dias do meu povo serão como os dias da árvore, e os meus eleitos gozarão das obras das suas mãos, até à velhice» (Isaías 65:21, 22).

O DIA DOS M. V. EM CANELAS

O mês de Fevereiro foi para a nossa juventude um mês de grande actividade aqui em Canelas, desde os preparativos para a semana de oração dos M. V. até aos trabalhos para a exposição «FÉ DOS NOSSOS PAIS».

Foi então que no dia 19 demos início à semana de oração M. V., a qual, no decorrer dos seus dias, foi sempre seguida por bom número de jovens, que tudo fizeram por aproveitar ao máximo destas maravilhosas mensagens que Jesus nos dá lá do monte, as quais são, para nós hoje, bases para «um novo estilo de vida» de que devemos ser os mais fiéis representantes nesta terra, como jovens adventistas que somos.

Mas um novo sábado se aproxima, e desta vez ele constituía para os jovens um dia especial — 26-2-77, **Dia dos M. V.** — sendo todo ele bem recheado por um vasto programa que bem cedo viu o seu início, já que pelas 9.15 tivemos uma classe de monitores que foi dirigida pelo jovem Alfeu Valente, na qual estiveram presentes os jovens indicados para passarem a lição do dia.

E quando os ponteiros do relógio nos apontavam já as 10.02, iniciámos (Direcção M. V.) a Escola Sabatina, em que a maioria dos nossos jovens tiveram parte activa; belos cânticos se fi-



O director M. V. no uso da palavra, durante a Escola Sabatina

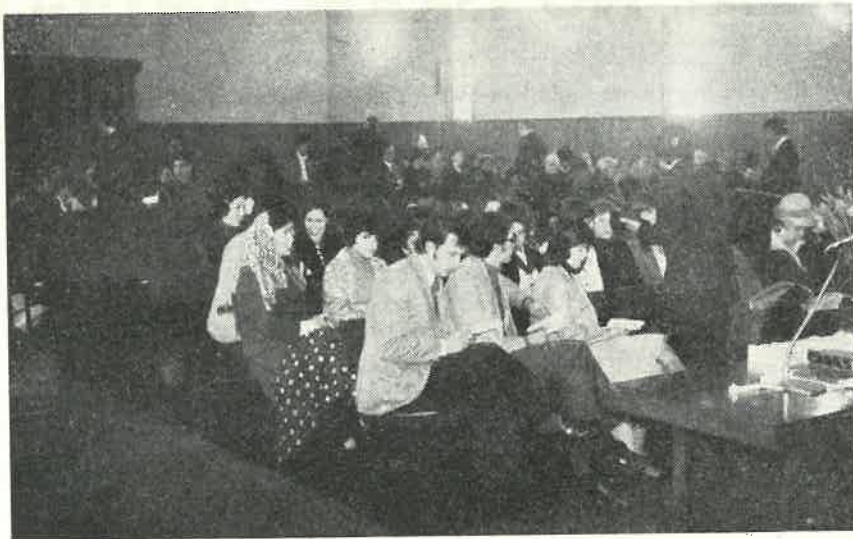
zeram ouvir, e a lição do dia, que os jovens dirigiram nas diversas classes. Finda esta, foi entregue a todos os membros da Escola Sabatina um livro «Como e quando a obra adventista começou em Canelas». Momentos depois tivemos os dez minutos missionários, que foram dirigidos pelo jovem Alfeu Valente, com o que se encerrou

a primeira parte dos trabalhos desta manhã de sábado.

No culto, que foi também o encerramento desta semana de oração M. V., quatro jovens dividiram entre si a mensagem para este dia. Também aqui o coro deu a sua colaboração, assim como um solo pelo jovem Fernando Ferreira. Os Desbravadores, cada um por sua vez, recitaram um versículo das Bem-aventuranças, que estudámos durante a semana. Para finalizar, o Pastor Manuel Laranjeira dirigiu fervoroso apelo aos jovens, ao qual todos responderam, e sobre os quais foi feita uma oração. E já com os trabalhos desta manhã no seu fim, em todos os rostos se via a satisfação natural que advém do trabalho espiritual desenvolvido.

Na parte da tarde (15 horas) tivemos uma reunião que foi dirigida pela comissão organizadora da operação «FÉ DOS NOSSOS PAIS» e que são: José Guedes, Fernando Ferreira, José Carlos e Joaquim Ferreira, a qual teve a presença de elevado número de irmãos, entre os quais alguns vindos da igreja de Espinho e Porto.

Para iniciar esta reunião, que antecedeu a abertura da exposição, entoámos o hino 258 e, no decorrer da mesma, o jovem Joaquim Ferreira entrevistou dois dos pioneiros locais da



Os jovens estudando a lição do dia nas diversas classes

obra adventista, a nossa irmã Erme-
linda Barbosa e o irmão Laurindo Mo-
reira, que nos disseram das dificul-
dades iniciais da obra aqui realizada.
Também como entrevistados do dia
estiveram o terceiro director M. V. de
Canelas, o nosso prezado irmão Pedro
A. Fernandes, actualmente membro da
igreja de Espinho, e o nosso irmão José
Ferreira, como terceiro director da Es-
cola Sabatina, e actualmente liderando
o mesmo departamento, que, como é
óbvio, nos falaram dos seus departa-
mentos, começando por nos fazer um
contraste entre as actividades de on-
tem e as de hoje, e aqui deve dizer-se
que nem sempre o prato da balança
pendeu para o nosso lado (hoje). Con-
cretamente pensemos neste aspecto
que é as reuniões de confraternização
com os jovens de outras igrejas.

Mas o auge desta reunião foi quando
da passagem de alguns «slides»...
Aqui uma onda de entusiasmo se apo-
derou dos presentes, alguns dos quais
puderam ver-se um pouco mais jovens.
Pouco depois foi aberta a exposição
«FÉ DOS NOSSOS PAIS» a qual incluía
fotografias de diversas actividades,
actas de reuniões e o desfile dos
directores de vários departamentos,



Assistência à reunião da tarde sobre «A Fé dos Nossos Pais»

passam como dos pastores que por aqui
passaram.

Era já o declinar deste dia «grande»
dos M. V. de Canelas. Da nossa parte,

diremos que todo este trabalho foi
uma maravilhosa experiência entre nós

José Guedes

MENOS FUMADORES EM BRAGA

Com a presença do Irmão Dr. Carlos
Cordas e do Pastor José Manuel Ma-
tos, levámos a efeito, de 3 a 7 de
Outubro, no salão do INATEL, um plano
«como deixar de fumar em 5 dias».
Com ansiedade aguardávamos este
belo plano já há alguns meses, mas
por razões várias, embora justas, só
veio a concretizar-se na data acima
indicada. Como soldados que somos,
avancámos para esta batalha sem sa-
ber o que iríamos encontrar, pois espe-
rávamos ter meia dúzia de ouvintes,
mas Deus tem grandes surpresas para
os Seus filhos; e foi com grande ale-
gria que nós vimos, logo no primeiro
dia, uma assistência a este interes-
sante plano de cerca de 80 pessoas,
e, no segundo dia, este número aumen-
tou bem assim como no terceiro,
quarto e último dia, tendo este último
dia sido um dia recorde, pois assis-
tiram a esta festa de encerramento
cerca de 200 pessoas. E, meus caros
leitores e irmãos, que maravilhoso tra-
balho este, só quem lá passou por esta
experiência o poderá dizer, pois no ro-
sto e nos gestos de cada fumador pude-
mos ver a gratidão para com esta
equipa que não tinha outro fim senão
ajudá-los física e espiritualmente, e nós
como igreja de Braga, do fundo do
nosso coração agradecemos, em pri-
meiro lugar ao Bondoso Pai do Céu
por esta maravilhosa experiência que
nos concedeu e, em segundo lugar,
aos queridos Irmãos Dr. Carlos Cordas

e esposa, que não se pouparam a
esforços para levarmos este belo tra-
balho a efeito. Sem dúvida que seria-
mos ingratos se não tivéssemos uma
palavra de agradecimento para o nosso
irmão Pastor José Manuel de Matos.
E oxalá que toda esta equipa, junta-
mente com todos nós, possamos um
dia abraçar no Céu estas pessoas com
que trabalhámos, livres do tabaco, de
toda a corrupção que os destrói e sal-
vos para toda a eternidade. Que assim
seja é o nosso sincero desejo.

Para que possamos ter uma melhor
ideia de algumas das nossas alegrias,
gostaria de transcrever declarações dos
ex-fumadores, assim como o teor da
reunião de encerramento.

«Aproveito para agradecer mais
uma vez o vosso precioso trabalho
antitabagista para bem do povo por-
tuguês e da humanidade. Para mim
o deixar de fumar trouxe-me reais
benefícios, não só materiais como
fisiológicos. Deixei de gastar a
verba que no princípio de cada se-
mana punha de parte para o tabaco.
Deixei de tossir completamente,
canso-me muito menos do que an-
tes, já não sinto a boca amarga do
tabaco, passei a jogar jogos segui-
dos de badminton, o que dantes
não acontecia.»

ALBERTO FILIPE ARAÚJO

Eis outro testemunho escrito:

«Venho por este meio dizer-lhe
que o meu filho Arnaldo deixou o
tabaco e por sinal come agora
muito melhor, assim como o seu
aspecto é outro. Espero que quando
os senhores cá vierem um dia a
Braga o possam ajudar noutros pon-
tos em que ele é fraco.»

GEORGINA ALVES

Notemos um terceiro testemunho,
também escrito:

«Os benefícios que colhi são muí-
tos, mas vou dar-lhes alguns. Pri-
meiro não tenho bronquite, nem
mau gosto na boca, passei a res-
pirar melhor, a ter melhor decisão
nos problemas familiares e profis-
sionais; sinto-me mais livre. E tam-
bém já consegui livrar mais três
amigos desse vício e quando os en-
contro é uma alegria. Todos, sorrí-
dentes, parecem outros, como tam-
bém eu devo parecer. Receba um
forte abraço deste que nunca c
esquecerá, pelo benefício que nos
fez.»

JOSÉ DIEGO GONÇALVES

Passo agora a relatar como decorreu a tão feliz reunião de encerramento:

Quinze minutos antes da reunião, pusemos o projector com projecções de orquídeas e música suave enquanto as pessoas iam entrando. Depois o Pastor Matos contou uma história, animada com projecções, para as crianças que os pais tinham trazido naquela noite especial. Depois o Irmão Arnaldo Soares, vindo do Porto, contou a sua própria experiência em como tinha abandonado o tabaco e como isso serviu de meio para encontrar Jesus e a igreja. Depois passou-se o filme «Um em 20000». Em seguida o Pastor Matos fez descobrir um mini-caixão fazendo um apelo entusiástico, baseando-se na

frase: «Ou deitam o cigarro no caixão ou é ele que vos deitará a vós no caixão. Escolham!» Muitas pessoas se levantaram e foram pôr no caixão cigarros, cigarrilhas, isqueiros, charutos e boquiilhas. Em seguida, a esposa de um dos ex-fumadores, professor Duarte, ela também professora, veio à frente com um lindo ramo de flores e chamou-se a Irmã Júlia Cordas, esposa do Dr. Cordas e, em nome de todos os ex-fumadores e famílias, entregou aquele ramo de flores à nossa jovem irmã que foi a pessoa que teve a ideia inicial de avançar com o plano ali em Braga. Todas as pessoas presentes aplaudiram alegremente este acto, tendo em seguida a nossa irmã dito algumas palavras da satisfação

com que tinha observado a vitória de muitos fumadores ali presentes. Finalmente, e sempre num ambiente de franca camaradagem, procedeu-se à assinatura do «divórcio» da D. Nicotina. Cerca de 40 pessoas assinaram o seu respectivo cartão da Liga Saúde e Lar.

Todos os Irmãos de Braga estiveram presentes à maioria das reuniões. A nossa pequenina igreja viveu realmente noites bastante animadas.

Irmãos, orem por nós aqui em Braga, aqui no extremo norte do país, nesta velha cidade romanista, para que a igreja cresça e floresça.

Os crentes de Braga vos saúdam,

Manuel Mendes
(Ancião da igreja de Braga)

PORTO – VÉSPERAS DE MISSÃO - 77

O Pastor Juvenal Gomes dirigirá na igreja do Porto a Campanha Anual de Evangelização, que será este ano denominada Missão-77. A igreja tem estado a trabalhar desde há dois meses, para que esta Campanha possa ter todos os elementos necessário que nos possam conduzir a noites de evangelismo verdadeiramente felizes e emocionantes de FÉ e de FRATERNIDADE CRISTÁ.

Ainda todos nos lembramos aqui de ACÇÃO-76, que decorreu durante o mês de Novembro. Os temas estudados foram: OS SINAIS DA VINDA DE CRISTO. Noite após noite estivemos considerando os diferentes sinais desde «as guerras e os rumores de guerras»,

passando pela «multiplicação da maldade» até à indicação profética e apocalíptica «O Senhor virá destruir os que destroem a Terra.»

Durante esta Campanha tivemos algumas boas colaborações, entre as quais desejamos destacar o CONJUNTO MARANATA que, na noite em que actuou, chamou à igreja cerca de meio milhar de pessoas. O programa foi bastante apreciado, não levando muito tempo, sendo equilibrado e levando a todos os presentes uma mensagem de esperança — A MENSAGEM BÍBLICA — num mundo de constante dor e de aumento de sofrimento que se espelhavam nos diapositivos que

António Sala comentava diante da Congregação. A igreja do Porto ficou sinceramente grata por esta actuação coerente e equilibrada que correspondeu aos nossos anseios conhecidos.

Este ano, em MISSÃO-77, teremos várias jovens que são talentosas em declamar poesias, igualmente o Coro M. V., ainda o Grupo Juvenil, mais o Conjunto Juventude e mais algumas pessoas dotadas para o canto e outras que têm arte para tocar alguns instrumentos de música. Estamos animados que MISSÃO-77 no Porto será uma bela Campanha de Evangelismo.

José M. Matos

ACTIVIDADES DOS JOVENS

Na região norte realizaram-se reuniões com dirigentes de jovens em cada uma das igrejas.

Domingo, 9 de Janeiro

— Realizou-se em Oliveira do Douro uma concentração de desbravadores, a que estiveram presentes os clubes do Porto, Oliveira do Douro e Avintes, com os seus dirigentes (cerca de cinquenta).

O programa incluiu actividades várias, marcha, orientação e confecção do almoço. Responsável: Victor Alves e dirigentes da igreja.

Domingo, 16 de Janeiro

— Realizou-se, também em Oliveira do Douro, um encontro de jovens, sobre o «casamento». Colaboraram o Dr. Carlos Cordas e o Pastor J. Morgado. Cerca de 50 jovens de várias igrejas estiveram presentes.

Domingo, 16 de Janeiro

— Na região do Guincho, reuniram-se alguns desbravadores das igrejas da área de Lisboa. Ali levaram a efeito um programa de campo, com escolha do lugar para um acampamento, actividades desportivas e confecção do almoço. Responsável: Manuel Vieira e dirigentes das igrejas.

J. Morgado

**notícias
do campo**

caixa de perguntas

LÍNGUAS ESTRANHAS

O relato de Actos 2 é bem claro, mas há certas passagens de I Coríntios 14 que são mais difíceis. O que serão essas línguas estranhas?

A leitura atenta de Actos 2 não deixa margem para qualquer interpretação que se assemelhe à dos pentecostais. Já I Coríntios 14 requer uma análise mais aprofundada.

Na igreja carnal e decadente de Corinto (isto cerca do ano 58 A. D.), havia tendência para exibicionismos extravagantes, condenáveis. A população da cidade era mesclada de estrangeiros. Desta maneira, os cultos eram frequentados por pessoas de outros lugares, às quais os crentes carnais de Corinto desejavam mostrar o dom de que eram portadores.

Antes, porém, de prosseguirmos nesta linha de pensamento, notemos o que diz o nosso comentário (SDABC) na sua Nota Adicional referente ao capítulo em consideração:

«São defendidas duas opiniões principais acerca do dom de línguas discutido em I Coríntios 14: — 1) Que a manifestação deve ser descrita em termos do fenómeno das línguas no dia do Pentecostes (Actos 2); que a língua falada sob a influência do dom era uma língua estrangeira, facilmente compreendida por um estrangeiro que a usasse; que, por falarem uma língua estranha na igreja quando ninguém que a compreendesse estivesse presente, os coríntios estavam pervertendo a função do dom; e que era esse abuso do dom que Paulo reprovava. 2) Que a manifestação era diferente da presenciada no Pentecostes; que a língua não era falada por homens, e que assim pessoa alguma a podia compreender, a menos que estivesse presente um intérprete que possuísse o dom do Espírito para compreender a língua (I Cor. 12:10); que a sua função era confirmar a fé dos novos convertidos (I Cor. 14:22; conf. Actos 10:44-46; 11:15) e proporcionar edificação espiritual (I Cor. 14:4); que foi a prática, nas assembleias públicas, desse dom designado primeiramente para edificação particular, pessoal, que Paulo condenou em I Cor. 14. Outras ideias combinam elementos destas duas opiniões.»

Não há dúvida de que o dom no Pentecostes era a capacidade para falar línguas estrangeiras com o propósito de pregar o evangelho (ver «Actos dos Apóstolos», pp. 39 e 40). Outra função do dom pode ser vista na casa de Cornélio. A manifestação do dom convenceu Pedro e os cépticos judeus que ali se achavam, de que os gentios foram aceitos por Deus (Actos 10:46). Até mesmo Cornélio e os que estavam na sua casa sentiram que a obra de Pedro tinha a aprovação divina.

Como vimos, os crentes carnais de Corinto falavam idioma estrangeiro sem que houvesse intérpretes. Assim, não falavam aos presentes, «senão a Deus». Falavam «em espírito», ou seja, em pensamento ou no íntimo.

Não havendo intérprete, «esteja calado na igreja». Ora, havendo intérprete e estrangeiros na igreja, o dom torna-se útil. Mesmo assim, tudo deve ser feito «com decência e ordem».

Percebe-se que o dom referido em I Cor. 14 é o mesmo de todo o Novo Testamento, a começar do Pentecostes. O problema do exibicionismo e da extravagância é que preocupou o apóstolo, a ponto de escrever conselhos e reprovações incisivas.

No texto de Almeida, aparece a palavra *estranha*, mas em itálico. Trata-se de um acréscimo do tradutor, sendo que no original está apenas *glossai* (língua). A tradução brasileira, mas literal, diz: «o que fala em língua» (versículo 2).

O apóstolo, no versículo 19, diz que preferia falar na igreja «cinco palavras na minha inteligência, para que possa instruir os outros, a dez mil palavras em língua estranha», não havendo ali estrangeiros — únicos beneficiados com o dom.

Paulo, no versículo 18, agradece a Deus o facto de falar mais línguas do que os coríntios. Vemos, portanto, que ele se refere ao abuso do uso da língua estrangeira nas reuniões, sem qualquer finalidade prática. Se as línguas articuladas em Corinto fossem misteriosas e estranhas, como poderia o apóstolo saber que falava mais idiomas do que aqueles crentes?

Mais uma vez invocamos o comentário adventista: «Esta lista de características do dom deixa claro que o apóstolo não está tratando de um falso dom. Ele arrolou as «línguas» entre os dons genuínos do Espírito (cap. 12:8-10), e em parte nenhuma sugere que a manifestação descrita no cap. 14 não seja de Deus. Pelo contrário, ele o recomenda (cap. 14:5), pretende falar mais línguas que os coríntios (versículo 18), deseja que todos possuam o dom e insta com os crentes para não proibirem o exercício do dom (versículo 39). O seu objectivo, através de toda a discussão, é mostrar a função e o lugar adequados desse dom e advertir contra o abuso do mesmo...»

«Devido a certa obscuridade com respeito à maneira precisa em que o dom de línguas foi antigamente manifestado, Satanás tem encontrado facilidade em falsificar o dom. Exclamações incoerentes eram bem conhecidas e amplamente encontradas na adoração pagã. Também, nos últimos tempos, sob a bandeira do cristianismo, têm surgido, de tempos a tempos, várias manifestações das assim chamadas línguas. Contudo, quando essas manifestações são comparadas com as especificações escriturísticas do dom de línguas, descobre-se que estão em total desacordo com o dom antigamente comunicado pelo Espírito. Estas manifestações devem, portanto, ser rejeitadas como espúrias. No entanto, a presença da falsificação não nos deve levar a depreciar o genuíno. A manifestação adequada do dom de que trata Paulo em I Cor. 14, realizou uma função útil. Em verdade, houve abusos, mas Paulo tentou corrigi-los e restabelecer a operação do dom no seu lugar e função correctos.»

R. A. do Brasil

Mais Membros na Divisão Euro-Africana

As estatísticas do fim do ano mostram um acréscimo de 13 858 almas na Divisão Euro-Africana em 1976, o que corresponde a 102 % do objectivo fixado no início do ano. Houve em toda a Divisão um ganho geral de 6 ½ %, com as uniões de Angola e da África Equatorial a mostrar os aumentos mais importantes, 14 % e 9 % respectivamente. Há agora na Divisão Euro-Africana 224 398 membros de igreja.

Curso Sobre Temperança na Universidade de Andrews

A Universidade de Andrews abriu um curso novo sobre actividades de temperança na igreja, o qual contará para a obtenção do grau M. A. em religião. Este curso ajudará os alunos a encontrar e explorar meios de contacto e interesse no mundo muçulmano, bem como entre os budistas e nos países socialistas, onde existe uma posição firme em matéria de temperança.

Socorro Adventista Mundial Fornece Alimento a Crianças no Chile

O Socorro Adventista chileno assinou, em Maio do ano passado, um acordo com o Ministério da Saúde do Chile, segundo o qual o Socorro Adventista Mundial forneceria àquele país 1800 toneladas de alimentos à base de cereais enriquecidos, representando um valor de 520 000 dólares (mais de 15 mil contos), destinados a 75 000 crianças subalimentadas de 6 anos e com menos idade. Este programa permite fornecer 3 kg de alimento por mês a cada criança do grupo considerado, juntamente com instruções dietéticas e sanitárias aos respectivos pais, além de cuidados médicos.

Como foi mencionado pela rádio e a televisão daquele país sul-americano de 10 milhões de habitantes, a Igreja Adventista desempenha um papel importante em favor da saúde e do bem-estar daquela população.

O Socorro Adventista no Chile emprega nomeadamente 25 pessoas permanentemente ocupadas em trabalho social, dando instrução sobre dietética e distribuindo socorros a necessitados.

Uma Manifestação Adventista Desfila pelas Ruas de Roma

No dia 2 de Fevereiro último, crentes de várias cidades italianas organizaram uma manifestação inédita em Roma. Mil pessoas desfilaram desde a Piazza del Popolo até à sede da igreja em Lungotevere Michelangelo. O cortejo em que se viam numerosos cartazes indicando a origem das diversas comunidades adventistas que nele tomaram parte, além de várias faixas com frases apelando à eliminação das discriminações feitas em relação às minorias religiosas e outras invocando a aprovação de uma proposta de lei sobre o repouso sabático, desfilou em silêncio pelas ruas de Roma, testemunhando de que «a primeira liberdade é a liberdade de consciência».

O Presidente do Conselho de Ministros italiano, Dr. Giulio Andreotti, recebeu durante a manhã do mesmo dia uma delegação da Igreja Adventista, juntamente com o Dr. Stefano Servadei, a pessoa que apresentou à Câmara dos Deputados a referida proposta de lei que prevê a eliminação de todos os problemas enfrentados por aqueles que pertencem a confissões religiosas que guardam um dia de repouso diferente do domingo. À tarde, a mesma delegação foi recebida por diversas individualidades da vida política italiana e pelo Secretário Geral da Câmara dos Deputados, obtendo a promessa de que a discussão da dita proposta de lei seria acelerada, tendo em vista a solução para os problemas das minorias religiosas.

O Terramoto na Roménia

Relatórios ainda incompletos da Roménia indicam que não houve perda de vidas de membros, mas muitos sofreram perda das suas casas e pertences. Duas igrejas ficaram seriamente danificadas e não podem ser utilizadas enquanto não se fizerem reparações.

Trabalho nas Missões em Substituição de Serviço Militar

Luc de Laere, enfermeiro, prepara-se para tirar um curso de Medicina Tropical em Antuérpia, a fim de seguir em Julho para o centro médico de Brazzaville, no Congo, sendo este serviço aceito pelo governo francês em substituição do seu serviço militar.